



O abrigo

O «Abrigo – Associação de Protecção à Fauna e à Flora» foi considerado o segundo melhor canil da Europa, e não por acaso. É por isso que vale a pena espalhar a notícia. Cães que foram abandonados, estão bem tratados como merecem, e à espera do seu carinho

TEXTO DE TERESA MAIA E CARMO

Confirma-se: há males que vêm por bem. Fugiu-nos o cão e, entre todos os metros palmilhados das redondezas – justo é dizer quilómetros –, todos os seres humanos dos caminhos e aldeias vizinhas, assobios patéticos e apelos gritados ao vento, encontrámos «O Abrigo». Constava que os cães perdidos, desorientados, exaustos, tendiam a ir dar ali. Ou pelo cheiro e barulho dos camaradas que não se fazem discretos, ou porque o dulcíssimo encarregado daquela associação os apanhava nas estradas e nos montes e os recolhia, tratando-os e alimentando-os. Não interessa, era o nosso último recurso do dia. Uma família cabisbaixa e a desanimar, já a trocar poucas palavras para não nomear a hipótese monstruosa de nunca mais ver o bicho, mil perguntas trocadas como

quem não quer a coisa, hipóteses barrocas e infundáveis «ses».

Podia ter caído num buraco e estar ferido, exausto de ladrar por socorro e a dar as últimas. Podia andar esfomeado e louco, sempre a andar para a frente até alguém lhe dar a esmola de uma comida, e aí sabe-se lá. Podia simplesmente ter sido atropelado pelas dezenas de camiões que passam mesmo ali à beira, naquela EN 1 pejada de buracos e armadilhas. Podia ter sido apanhado por algum entendido em cães, de fainhas mansas, e a esta hora já estar vendido – raio de ideia ter um cão de «marca», caramba! E o tonto, que pouco saiu ainda da Quinta, não passa de um bebé, mimadão ainda por cima, o que é que ele pode saber do mundo? É um maria-vai-com-as-outras, qualquer um, qualquer coisa lhe pode fazer mal. A verdade é que, passando um bocadinho Vale Paraíso (adequadíssimo nome) e seguindo as indicações da Quinta da Várzea, era impossível não se dar com o sítio.

Latidos em tropel, correrias e montes, montes de cães numa enorme extensão corriam como doidos à mera aproximação do carro. Um tempo infinito até aparecer alguém, a quinta é grande, via-se logo. «Quinta do Sol», indica o azulejo, que bonito. Lá acaba por se distinguir uma silhueta escura ao fundo, aproximando-se calmamente. É Mokesh (não sei se é assim que se escreve, desculpe lá...), um indiano de modos suaves que está encarregado de tratar da Quinta e dos cães. Começamos por lhe mostrar uma fotografia do Moisés, descrevê-lo e, enfim, dar os dados da «situação». Ao mesmo tempo íamos entrando, o Mokesh um invejável «re-

épica. E um bom sinal. Os seus 14 anos já tinham afectivamente investido demais no «seu» cão e estava de rastos. «Aquele ali, o Fiord, é cruzado de lobo, não se lhe pode fazer muitas festinhas. Esta cadela é arraçada de trapezista, salta todas as vedações, passa mais de três metros. Aquela tem 20 anos, imagine!»

No canil do lado, entre vários pastores alemães e outros de raça indefinida estava a «Linda», uma pastora belga linda de morrer no seu pêlo preto comprido e lustroso. Já dentro de casa, vemos as fotos do estado em que estava quando Mokesh a apanhou, cheia de sarna, mais morta que viva, sem pêlo nenhum em metade do corpo, pele e osso. Impressiona ver o bicho em que se tornou um ano depois, bem tratada e alimentada. As condições em que se encontram os cães dificilmente poderiam ser melhores: espaços muito grandes para correrem, agrupados aos cinco, seis, por canil, casas bem pintadas e imaculadamente brancas, veterinário permanente.

O «Abrigo – Associação de Protecção à Fauna e à Flora» é obra da diplomata Ana Bela Mourato Cardoso, cônsul portuguesa em Lyon, que dedica um amor filantrópico aos animais digno de se ver. Com a ajuda de uns carolas e dos 150 sócios com quem conta a Associação. É um magro contributo, cada um dá mil escudos por mês além da jóia inicial de apenas 12 contos (se não puder, dá menos). Para lá disso a Associação ainda faz t-shirts com fotografias de derreter dos cães da Quinta, que vai vendendo nas feiras e a quem aparece. Cento e cinquenta contos não dá para nada, alimentar e tratar 95 cães (isso 95) sai caro, pelo que é com certeza o orçamento da mentora que sai o resto.

Não foi por acaso que «O Abrigo» foi considerado o segundo melhor canil da Europa. É ver os canis nacionais e as condições degradantes em que se encontram os animais à guarda de certos autoprotectores, e compará-los. É por isso que vale a pena espalhar a notícia. Em tempo de animosidades idiotas contra os cães, que andam a sofrer com uma injusta «má imprensa» graças à responsabilidade dos donos, fique sabendo que existe ali um lugar fabuloso para deixar o seu, caso lhe passe pela cabeça a ideia reprovável de o abandonar. E se quiser comprar um, poupe a bolsa e dê um salto. Há 95 à sua espera, de raças puras e puros rafeiros, todos maravilhosos, bem tratados e ansiosos por serem adoptados pelo seu carinho todo só por eles. De borla. O número de telefone é 263.475123. Noventa e cinco, dizia eu. Mentira. Agora já são só 94, a camião dos 93 – o «Peach», rodas baixas adovel, um basset hound que é um autêntico «hush puppie», ganhou um dono bado e a «Linda» amolgoou-nos o coração com os seus imensos olhos meigos quem tem um, e tem espaço, tem d... Claro. ■